

Rugas

Helio Begliomini

"As rugas são os caminhos por onde a experiência que chega encontra as ilusões que se vão."

Jean Antoine Petit-Senn (1792-1870),
poeta franco-suíço.

Elas são implacáveis e silenciosas; quem viver... com elas conviverá. Surgem insidiosa e lentamente. Não doem, mas também não são bem-vindas, pois deformam a vitalidade e a beleza da eterna juventude que todos um dia ostentaram.

Foram rusticamente esculpidas com o cinzel do tempo e assinalam os quilômetros rodados da existência. São in delicadas, pois não pagam aluguel; tampouco pedem licença para se alojar e, tal qual um parasita, uma vez enxertadas e estabelecidas, multiplicam vagarosamente seus tentáculos e aprofundam seus sulcos, dominando completamente o sítio hospedeiro.

Alguns têm o privilégio de tê-las parcimoniosa e tardiamente. Outros, desafortunadamente, devido às vicissitudes que a vida lhes proporcionou, veem-nas brotar mais precocemente.

É verdade que podem ser artificial e parcialmente camufladas, mas não se consegue extinguir sua produção. Tudo é uma questão de tempo... Ele é inexoravelmente implacável!

Para alguns denotam experiência, tirocínio, discernimento e responsabilidade. Para outros ostentam mau agouro, pois prenunciam ou emolduram a última fase da vida, constituindo-se num dos apanágios da senectude.

São safadas e muito espertas. Não trabalham sozinhas, mas estão sempre acompanhadas de um pelotão de comemorativos: ressecamento e inelasticidade cutâneas; olhar baço e turvação do cristalino; ouvidos mucos; secura, fragilidade, queda e encanecimento dos cabelos; lentidão de raciocínio; atrofia muscular e movimentação morosa dos membros, dentre tantos outros.

Todas essas características podem ser muito bem sintetizadas numa singela palavra de tão somente cinco letras: "Rugas", tendo *wrinkles* como sinônimo em inglês, igualmente um vocábulo um tanto quanto charmoso.

Se "*o coração não tem rugas*", como asseverou a escritora francesa Marie Sévigné (1626-1696), ele, com certeza, não estará imune às suas conseqüências.

"Que a velhice não nos surpreenda com mais rugas na alma do que no corpo", exclamou Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), político, filósofo e escritor francês. E esse seria também o meu desejo, embora pressinta que muitas das rugas que foram brutalmente esculpidas no corpo pelas intempéries e contratempos da existência também sulcaram de modo inextrincável nossa alma; infelizmente, também o inverso é verdadeiro: reiterados dissabores, infortúnios e achaques que magoaram e degradaram nossa alma provavelmente trouxeram consigo expressões cutâneas de suas manifestações, dando a entender que as rugas sejam uma via de mão dupla: no corpo e na alma ou na alma e no corpo.



Helio Begliomini

Membro da Associação Paulista de Medicina, da Academia de Medicina de São Paulo, da Academia Cristã de Letras e da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores.

Haikais Brasileiros

PARA RUTH, PELOS SEUS 82 ANOS

Ives Gandra da Silva Martins

I

Descobri
Cedo, meu amor
Só por ti

II

Vejo o céu,
Teu olhar sereno
Como mel.

III

No Japão
Lindas Cerejeiras
Sempre estão.

IV

Ó minha Ruth,
Que meu coração
Sempre te escute

V

Velho amor,
Sempre sem tormenta
E sem dor.

VI

Ao relento
Tenho sempre sonhos
Sem lamento.

VII

Antigos beijos
Sangram passadas
lembranças
Quantos desejos.

VIII

Nossa Mãe de Deus,
Encontrei no
Teu Amor,
Que gerou os meus.

IX

Todas estrelas
Nunca soube para ti
Como retê-las.

X

Meu espaço
Vive em teu querer,
Cada passo.

XI

Deus e Amor,
Vazio sem Ele,
Faz-se dor.

XII

Oração.
Ver de perto Deus
Coração.

XIII

A serpente
Rasgou as águas do lago
De repente.

XIV

Teu olhar
Meu coração encanta
Como o mar.

XV

Sonho contigo.
Meu amor é sem limites
Sempre te digo.

XVI

Tão vermelho,
Meu coração por ti,
Seu espelho.

XVII

Muitos mastros.
Há lunetas para o espaço,
Vendo os astros.

XVIII

Meu Senhor.
Senhor do Universo.
Paz e Amor.

XIX

Olhar triste?
Em muita gente simples?
Nunca viste?

XX

Muitos cardumes.
As flores são como
os peixes.
Mas têm perfumes.

XXI

Borboleta.
Parada nas flores,
Sem ter meta.

XXII

Sinaleiro,
O pássaro mede o espaço
Por inteiro.

XXIII

Quanta esperança!
O amor se fez sempre pleno.
Quanta lembrança!

XXIV

Meu caderno.
Páginas tão frias!
É inverno.

XXV

Olhos quentes.
Assim eu sempre te sinto.
Tu me sentes?

XXVI

Muito amor.
Melhor unguento.
Para a dor.

XXVII

Mares bravios.
Meus barcos singrando
as águas,
Sem desafios.

XXVIII

Serenidade.
Em você o tempo passa.
Sem idade.

XXIX

Desde o ventre,
Amei-te minha amada.
Para sempre.

XXX

Livros meus.
Lanço-os ao mundo
Para Deus.

XXXI

Só canetas.
São brancas, douradas
E são pretas.

XXXII

Contratempos.
Folhas espalhadas
Pelos ventos.

XXXIII

Uma vida.
Quanto vale no Universo?
Só a lida.

XXXIV

Amo a Guerra
Nas Estrelas. Sete filmes.
Minha Terra.

XXXV

Toda a candura
De teu olhar
de menina
Torna a alma pura.

XXXVI

Minha estrada.
Sempre nela luto,
Sem espera.

XXXVII

Alma nua,
Tão limpa e branca
Como a Lua.

XXXVIII

Caravelas.
Singrando os mares.
Sem belas.

XXXIX

Deixam rastros.
Velhas fragatas
Com seus mastros.

XL

Minha amada,
Doce companheira
Nesta estrada.

XLI

Amarelas,
As luzes pelas ruas
Paralelas.

XLII

Velho senil,
Mas ainda em luta
Pelo Brasil.

XLIII

Eu destaque.
As mulheres no inverno
Tem recato.

XLIV

Vale a pena
Lutar pelas ideias,
Sem ter pena.

XLV

Coração frio.
Sem dar-lhe o melhor lugar,
Sempre vazio.

XLVI

Toda a História
Vive parte apenas
Da memória.

XLVII

Clara lagoa.
Silêncio e peixes nadando.
O tempo escoá.

XLVIII

Para Ruth
Minha esquina,
Na rua de meus versos,
És menina.

XLIX

Rosto com cardos.
Versos escritos ao vento.
São velhos bardos.

L

A gravata
Escorre no meu peito
Tal cascata.

LI

Do meu jeito,
Sinto amor por você,
No meu peito.

LII

Istambul.
Feito de encantos!
Céu azul.

LIII

Mal sofejo
Saudades da velha música
Sem arpejo.

LIV

Catamarã.
O futuro no horizonte,
Cada manhã.

LV

Mil panteras.
Todos na mente temem
Estas feras.

LVI

Novidade.
Do passado sempre sinto
Só saudade.

LVII

Tudo escuro
Buscam-se luzes
Pro futuro.

LVIII

Toda a cruz
Do verdadeiro cristão
Torna-se luz.

LIX

Minha família.
Sigo meu caminho certo
Em sua trilha.

LX

Repetiste
Ao seu lado eu nunca
Fico triste.

LXI

Meu encanto
Por meu amor
Faz meu canto.

LXII

Horizontes
Nos meus poemas
Viram fontes.

LXIII

Naves no espaço
Versos perdidos no tempo
Marcam seu passo.

LXIV

Pelos varais
Meus versos são
pendurados
Por seus "ais".

LXV

É desatino.
Assim eu meus versos faço
Desde menino.

LXVI

Meus papagaios
Eu os empino, pois são
Meus para-raios.

LXVII

Meu talento
Nunca nasceu pelo tempo.
É só vento.

LXVIII

Tal pantanais,
Teus olhos de musgos
feitos,
São meus jograis.

LXIX

Verso manco
Corre a pena no papel,
Papel branco.

LXX

Quase no fim
Deste pequeno caderno;
És meu jardim.

LXXI

Minha lanterna,
Meu universo desvenda
A luta interna.

LXXII

Aquarelas
No meu quadro imaginário
Geram telas.

LXXIII

Cavalgada
Com meu coração
Nesta estrada.

LXXIV

Meu próprio abismo
Eu desço, medindo o passo
Quando só cismo.

LXXV

Meus desejos
Cavalos que foram pombos,
São de beijos.

LXXVI

Minha amada,
Minha sempre
doce amada,
Minha fada.

LXXVII

Haikai.
O meu último poema
Aqui vai.

LXXVIII
Amo-te

LXXIX
Muito

LXXX
Hoje e

LXXXI
Sempre

LXXXII
Ruth.

ENTÃO

Nicanor da Silva Baptista Filho



Não bastasse a irrefreável invasão de anglicanismos em nosso já maltratado vernáculo, fruto do avanço tecnológico com seus *whatsapps*, *wazes*, etc., ultimamente a língua se empobrece e vilipêndia ainda mais à custa de cacoetes; é o caso de encetar respostas com advérbio de tempo, despropositivo uso de pronome e inúmeros outros, como a seguir:

ENTÃO

Peço a atenção de todos (e de todas): É complicado que o conjunto da obra contextualize aí 002 e 03, cujo combo deu no que deu, vale dizer, disponibilizou, assim, do nada,

o empoderamento, que, sem agregar, bombou duas horas técnicas fora da curva, impactando uma pré-venda e um pré-texto que, tipo assim, não chegou a mostrar a que veio para a galera...

Lembrando que você fecha torneiras, você economiza água, mas, se você não chove nos mananciais, na verdade, a fim de pontuar essa pegada incrível para chamar de sua, passará por ser republicana a impressão de que somos todos repetidores, meros papagaios; simples assim. Só que não. Você deixa sua zona de conforto para bombear uma promô e um icônico "vai com Deus". Por isso, fica com Deus.

DEUS ABENÇOE!

Nicanor da Silva Baptista Filho
Desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo.

Resiliência

Pedro Luiz Squilacci Leme

Resiliência é um substantivo de origem latina (*resiliens*) com significados concretos, que podem ser aplicados à Física e Ecologia, ou abstratos, que permitem interpretações Psicológicas e mesmo Administrativas; basicamente define o “voltar ao estado normal”. Mário Quintana (1906-1994), em seu Soneto XVII de *A Rua dos Cata-ventos*, descreve um momento de desolação extrema:

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha...
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha...
E hoje, dos meus cadáveres eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada...
(...)

Resiliência, quando aplicada à Física, define a capacidade de alguns corpos retornarem à sua forma original após sofrerem uma deformação elástica. Aplicada à Ecologia, seria a capacidade de um sistema ambiental se restaurar. Este texto, por sua vez, vai discutir apenas o significado abstrato da palavra. Uma música chamada **Cidadão**, cantada por Zé Ramalho, fez sucesso nos anos 1990:

Tá vendo aquele edifício moço?
Ajudei a levantar
Foi um tempo de aflição
Eram quatro condução
Duas pra ir, duas pra voltar
Hoje depois dele pronto
Olho pra cima e fico tonto
Mas me chega um cidadão
E me diz desconfiado, tu tá aí admirado
Ou tá querendo roubar?
Meu domingo tá perdido
Vou pra casa entristecido
Dá vontade de beber
E pra aumentar o meu tédio
Eu nem posso olhar pro prédio
Que eu ajudei a fazer
Tá vendo aquele colégio moço?
Eu também trabalhei lá
Lá eu quase me arrebento
Pus a massa fiz cimento
Ajudei a rebocar
Minha filha inocente
Vem pra mim toda contente

Pai vou me matricular
Mas me diz um cidadão
Criança de pé no chão
Aqui não pode estudar
Esta dor doeu mais forte
(...)

Resiliência, no sentido figurado, pode definir como nos recriamos ou nos adaptamos à falta de sorte e mudanças. Psicologicamente seria nossa capacidade de encontrar soluções para enfrentar situações adversas, resistir à pressão, voltando ao equilíbrio após acontecimentos inusitados; lidar com os próprios problemas, não se render a pressões e obstáculos. Do ponto de vista administrativo, o gestor precisa de equilíbrio emocional para trabalhar sob pressão, enfrentar e minimizar problemas. Robert Falcon Scott (1868-1912), oficial da Marinha Britânica, chegou ao Polo Sul em 1912, mas havia sido vencido por Roald Amundsen, da Noruega. Ao regressar, ele e seus quatro companheiros não sobreviveram. Ciente da morte que se aproximava, Scott deixou anotações sobre os momentos finais de sua vida:

(...) Assumimos riscos, sabíamos que estávamos correndo riscos. A sorte se virou contra nós, e por isso não temos razão para nos queixar, mas devemos nos curvar à vontade da Divina Providência, ainda determinados a dar o máximo de nós mesmos até o fim. (...) Se tivéssemos vivido, eu teria uma história para contar sobre a valentia, a resistência e a coragem de meus companheiros que comoveria o coração de todos os ingleses. Estas notas rudimentares e nossos cadáveres devem contar a história (...).

Resiliência pode ser resumida pelo poema *Epigrama*, de Cecília Meireles (1901-1964), que muitas vezes me surpreendo repetindo em voz baixa:

A serviço da Vida fui,
a serviço da Vida vim;
só meu sofrimento me instrui,
quando me recordo de mim.
(Mas toda mágoa se dilui:
permanece a Vida sem fim.)

Pedro Luiz Squilacci Leme
Cirurgião Geral.

Abertura do II Colóquio Acadêmico Nacional de Medicina

José Raimundo da Silva Lippi

Exmo. Sr. Prof. Jorge Alberto Costa e Silva, DD, Presidente da Academia Nacional de Medicina, que desfez compromisso internacional para estar aqui conosco, damos-lhe as boas-vindas e, em seu nome, cumprimentamos todas as autoridades, professores, alunos, colegas e amigos presentes neste auditório.

A Academia Nacional de Medicina é a mais antiga Entidade Médica do Brasil e ocupa, hierarquicamente, a posição mais elevada entre todas. A FEBAM e as Academias Estaduais, por ela reunidas, ocupam esta hierarquia no cenário médico. Não por coincidência, nós Psiquiatras estamos ocupando a Presidência das Academias: Nacional, Federativa e Mineira. Outras Entidades, como o CREMESP, são lideradas, também, por psiquiatras. Este dado pode representar a importância da Psiquiatria na formação do médico e um caminho para a mente humana ser melhor compreendida. Lembro que o notável Professor Leme Lopes, Catedrático de Psiquiatria na UFRJ, também presidiu a Academia Nacional de Medicina, por mais de uma vez, e foi o seu padrinho, Prof. Jorge Alberto. Tempo precioso aquele em que eu ia ao Rio de Janeiro dar aulas de Psiquiatria Infantil no Instituto Botafogo, a convite dele, e lá convivíamos, eu e você, em tempos de grande progresso de nossa especialidade. Acompanhei a sua brilhante trajetória que será apresentada pelo colega José Hamilton. A última vez que nos encontramos foi no Congresso mundial do Egito. Na sua brilhante carreira você presidiu a Associação Mundial de Psiquiatria. Aproveite o ensejo para contar um fato curioso: saindo de uma das pirâmides...

Como os nossos pares reconheceram em nós qualidades, estamos ocupando estas posições importantes. Desejo, neste momento, senhor Presidente, conclamar a sua liderança para lançarmos no Brasil um movimento

fundamental para a formação médica: o incentivo ao ensino da nossa especialidade nas faculdades, colocando-a no lugar especial que o aprendizado da Medicina exige. A Psiquiatria tem sido desprestigiada, desvalorizada e negligenciada ao longo do tempo. Existem faculdades que não dão esta matéria! Por que o conclamo? Por que a Entidade Nacional, unida às Estaduais, constituirá uma força de respeito e conseguiremos abrir portas antes fechada. O que está acontecendo?

No poder público saímos dos "Porões da Loucura para entrar na Loucura dos CAPS": Doença mental tratada sem Psiquiatria. Pacientes delirando em salas de espera de ambulatórios, sem psiquiatras! Parece brincadeira. Isto é resultado de uma ação de boa índole, mas de péssimas consequências, que nasceu aqui em Belo Horizonte, denominada movimento antipsiquiátrico e apelidada de antimanicomial. Alguns profissionais, no passado, transformaram a Associação Mineira de Psiquiatria, durante anos, em Entidade Sociopsicanalítica, confundindo ciência com ideologia política. Não somos contra a psicanálise, pois a Academia oferece um curso de Especialização. Com este movimento, eles criaram, entre a fantasia e a realidade, soluções livrescas para a doença mental. A consequência é um número inenunciável de crimes cometidos por doentes mentais soltos pelas ruas. Observe-se o aumento desordenado de usuários de drogas! As crackolândias se espalharam por todo o país. Não somos simplicistas para pensar que só a falta de psiquiatria explica o fenômeno!

Este movimento conseguiu, também, o fechamento indiscriminado de milhares de leitos psiquiátricos, promovendo o aumento da mendicância de pessoas portadoras de patologias mentais, abandonadas pelas ruas. A irresponsável descaracterização da Psiquiatria nivelou-nos por baixo. Estávamos e estamos cientes da necessidade de

humanizar os manicômios. Mas isso não se faz à custa de leis (como a do nosso deputado Paulo Delgado). O momento exige a ação das nossas Entidades representativas diante destas calamidades. A falta de assistência psiquiátrica promove situações a que a mídia vem dando destaque. Exemplos recentes, entre muitos:

a – Homem portador de ideias delirantes de conteúdos persecutórios e místicos coloca fogo em creche no interior de Minas. Ele falava: “minha mãe quer me matar”; “vai pôr veneno na minha comida”; “tenho poderes divinos”. Quantas mortes poderiam ser evitadas? Ele se tratava num ambulatório sem psiquiatra! Ele não tinha condições de trabalhar, foi afastado, mas não tratado! Por mais de quatro anos seus delírios persistiram e nenhuma providência foi tomada. Culpa-se a pobreza! Nem todo pobre põe fogo nos outros.

b – Adolescente mata colegas numa sala de aula. A família fora alertada pela escola em 2016 e 2017, por suas ideias estranhas. O garoto fez sete sessões com psicóloga e recebeu alta como se nada tivesse de doença mental. Ele chegara a se autoflagelar, cortando o próprio corpo com gilete. Sabemos que muitas situações não são fáceis de diagnosticar. Culpa-se o *bullying*. Não todo garoto sofrendo *bullying* sai dando tiros na escola. Ele pode significar o desencadeador do ato.

A OMS informa que a depressão é uma das maiores causas de mortes. No sábado veremos o sofrimento dos estudantes de Medicina e nossos colegas médicos que chegam ao suicídio. Não podemos ignorar.

O psiquiatra carregava e carrega um estigma pejorativo: médico de doido, de louco, e tinha má fama na faculdade. Eu ouvia esta pilhéria quando estudante: “O clínico sabe pouco e faz muito pelo paciente; o cirurgião não sabe nada, mas faz muito pelo paciente e o psiquiatra não sabe nada e não faz nada pelo paciente.” NÓS estamos conseguindo destruir, aos poucos, esta péssima imagem.

A nossa Diretoria, que constitui a Comissão Organizadora, trabalhou intensamente para a realização deste Colóquio. Ele é o resultado de um trabalho em equipe, que teve o total apoio da FEBAM. Agradecemos às Empresas que nos deram apoio logístico e, em especial, aos FINANCIADORES, que permitiram reunir tantas pessoas ilustres e este auditório cheio, sem custos para os participantes.

Contamos, Prof. Jorge Alberto, com sua liderança para este movimento. Seja bem-vindo.

José Raimundo da Silva Lippi

Presidente da Academia Mineira de Medicina.

Feliz Natal!

Walter Argento

Tal como a chama da vela que balouça, tremula, oscila, quase se apaga, porém, em seguida, reaviva-se forte e rutilante... assim também o Natal volta e vem, com a força do seu simbolismo, lembrar e interagir em nós: sacrossanta NATIVIDADE DE JESUS!

Retorna para aflorar sentimentos de mansuetude, generosidade e gratidão que habitam, prisioneiros, em nossos corações, fruto das rupturas sociais, dos rancores, da rudeza e agravo do relacionamento humano.

Chega para evocar o instante de pacificar conflitos, remir queixas, pedir desculpas, esbanjar abraços e sorrisos.

Vem reacender a flama da nossa crença nas virtudes e santidades cristãs, no esmorecido amor e na relegada amizade.

Afinal, são dádivas e benesses que Jesus nos oferece, com seu exemplo de vida e sacrifício.

Enquanto existir fé no primado de Deus e esperanças na pacífica convivência entre os povos, esta mensagem natalina estará sempre presente.

Que seu espírito resplandeça e perdure em todos os lares, para sempre.

**FELIZ NATAL E FELIZ ANO-NOVO
PARA TODOS!**



coluna do livro

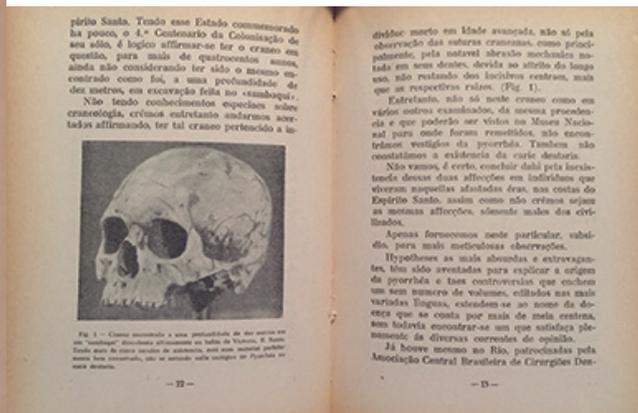
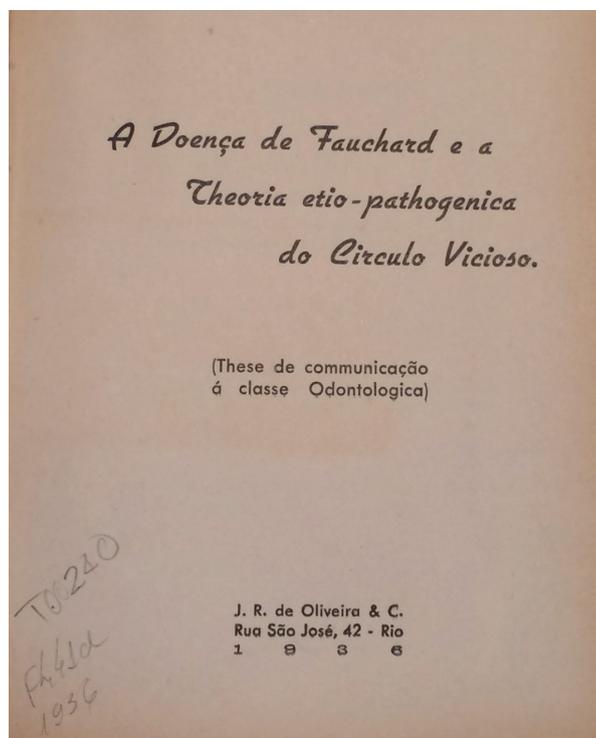
Doença de Fauchard e a...

Doença de Fauchard e a teoria etio-pathogenica do círculo vicioso é uma curiosa "tese de comunicação à classe odontológica", escrita pelo cirurgião dentista F. Meyer Ferreira.

A bem ver, trata-se da "pyorrhéa alveolar", descrita por Pierre Fauchard na segunda metade do século XVIII, que suscitou, em relação a sua etiologia e tratamento, uma série interminável de controvérsias.

O autor aborda o assunto com grande propriedade, discorrendo sobre as infecções gengivais, dentárias e alveolares, correlacionando-as e propondo a sua teoria do círculo vicioso, que dependeria diretamente da existência do tártaro. Ou seja, este seria o responsável pela cronicidade do quadro clínico.

São 114 páginas, com ilustrações, publicação de 1936, pela J. R. de Oliveira e Companhia, adquirida pela APM em 8 de maio de 1979.



Guido Arturo Palomba

Diretor Cultural Adjunto da APM

Observação: todos os livros comentados aqui pertencem à Biblioteca da APM. Aos que desejarem doar livros e, principalmente, teses para esta coluna, fazer contato com Isabel, Biblioteca.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo

Diretor Adjunto: Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*) e Alexandre Rodrigues de Souza

Cinematca: Wimer Bottura Júnior

Pinacoteca: Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina:

Jorge Michalany (curador, *in memoriam*)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.